

EDITORIAL

É com grande satisfação que anunciamos a publicação do primeiro número de 2022 da **Revista PERI**. Editada por uma equipe composta exclusivamente por estudantes do Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, nosso periódico chega ao 14 volume de sua história com artigos, resenhas e traduções criteriosamente publicados em fluxo contínuo e analisados cegamente por pares.

Reconhecida nacional e internacionalmente, a **Revista PERI** é referência na divulgação de pesquisa científica filosófica interdisciplinar. Orquestrada em um esforço cooperativo que une excelência acadêmica com a produção de pensamento crítico, a consolidação da revista PERI neste campo vem em torno de um intercâmbio de uma comunidade democraticamente reflexiva que tem sido fundamental para o progresso científico, sobretudo em um contexto histórico-social marcado por uma cultura política que propaga regressões no campo educacional. Referimo-nos ao ambiente de baixa densidade democrática estabelecido nos últimos quatro anos no governo de Jair Bolsonaro.

Neste período, o ensino superior sofreu de um projeto de poder que erodiu as garantias institucionais de reprodução dessa interlocução e procurou tornar, de diferentes e deliberadas maneiras, a prática de pesquisa filosófica desestimulante e precária. Como resultado, a educação pública se viu diante de um crescente desamparo do Estado com suas e seus estudantes, seja pela ausência de investimento, de financiamento público de pesquisas ou das políticas de permanência e de reajustes das bolsas Capes e CNPQ e outros órgãos de fomento à pesquisa, seja também pelo orçamento reduzido e cortes dos recursos de um incompetente e inoperante Ministério da Educação atravessado por escândalos sucessivos e de perseguição intelectual ao

livre pensamento, além da deterioração mais estrutural das condições de ensino de um mercado de trabalho com salários defasados e uma precarização galopante.

Trata-se de um verdadeiro projeto de crise e desmantelamento da esfera pública crítica formada nos últimos vinte anos na expansão e popularização universitária. Sob égide de uma lógica neoliberal acelerada pelas circunstâncias da pandemia de Covid-19, mas que já estava anunciada pela incompetente equipe que o presidente Bolsonaro selecionou para conduzir as pastas educacionais, as humanidades foram o alvo mais afetado.

Contudo, contramovimentos e forças de resistência foram fundamentais para um enfrentamento deste desmonte. Exemplo de capacidade de inovação, desenvolvimento e progresso científico da comunidade filosófica vem se renovando em espaços como **a revista PERI**, que mesmo neste cenário desfavorável, representa um alargamento do horizonte de expectativas e esperanças. Como resultado, anunciamos com alegria que a **revista PERI** atingiu a **nota A4** na avaliação da QUALIS deste quadriênio. Em conjunto com a nova **classificação de 7, nota máxima** da avaliação da CAPES de nosso PPG, saudamos o trabalho e a contribuição de todas e todos para a excelência da pesquisa filosófica que faz perdurar nossa combalida, porém, ainda existente democracia. Que esta nova etapa permita que a revista continue crescendo, se expandindo e firmando novas interlocuções e diálogos.

Nesta edição, a primeira de 2022, contamos com 9 artigos, 1 tradução e 1 resenha. De início, Hedegar Lopes Castro, contribui com o artigo “*A verdade entre a retórica e a reminiscência no Fedro de Platão*”, que busca expor a incompatibilidade de relacionar verdade e retórica, estabelecendo uma confrontação entre o diálogo que busca a verdade, por meio da reminiscência e da dialética, e o discurso retórico

que, por não contemplar a verdade, pode apenas exprimir e se manter na mutabilidade contínua e permanente da *dóxa*.

No artigo “*Uma objeção à naturalização ideológica: notas em torno do livro I do de Rerum Natura*”, Rui Carlos Mayer esboça uma contribuição para o resgate e a atualização do pensamento epicurista por e para uma filosofia dita “prática”, especialmente tomado como recurso explicativo e crítico para uma contestação da naturalização das crenças ideológicas. Este estudo se configurou mediante o esclarecimento e a análise do *De rerum natura* e da interpretação do poema de Lucrecio em relação ao conceito de ideologia, desenvolvida em *Lógica do pior* (C. Rosset, 1989), sob a luz de uma resumida, porém rigorosa descrição histórico-filosófica de tendência analítica (A. Kenny, B. Russell)

Eduardo Simões, Aline Aquino Alves e Leandro de Oliveira Pires contribuem com o artigo “*Lógica e aritmética no tractatus de wittgenstein: a importância da recursividade matemática para o método de tabelas de verdade*”, apresentando o método de tabelas de verdade do cálculo proposicional do *Tractatus Logico-Philosophicus* como decorrente dos procedimentos de cálculo que envolvem operações recursivas no âmbito da matemática. A proposta é demonstrar o cálculo de base das operações de verdade como consequência da aplicação de recursos matemáticos que envolvem a noção de recursividade em séries formais, inspirada tanto no conjunto dos números naturais, quanto no cálculo fatorial, bem como nos procedimentos preconizados pela análise combinatória e pelo cálculo de probabilidade

Luiz Guilherme Augsburger contribui com artigo “*Meu nome é legião*”: sobre verdade e ciência num sentido extrametodológico” no qual ensaiam-se reflexões sobre a verdade num sentido extrametodológico, mormente concernente às ciências. Usa-se de uma conhecida cena bíblica, a Legião de demônios, objetivando-se expor a importância do aspecto ontológico no campo da (produção de) verdade e nos modos de fazer acadêmico. Assim, lançando-se mão das noções

deleuzo-guattarianas de “ciência régia” e “ciência nômade”, vai-se diferenciar dois modos ontologicamente distintos de se relacionar com a verdade, especialmente no que tange à multiplicidade e ao simulacro.

No artigo “*Contra o romance individual do neurótico: a hermenêutica do si entre a psicanálise e a ficção*”, Vitor Hugo dos Reis Costa elabora um desdobramento da hermenêutica narrativista de Paul Ricoeur por meio do cotejo com contribuições da psicanálise e da literatura de ficção. Com isso, apresenta-se possibilidades heterodoxas de relação entre a existência humana e a prática da narração, em uma perspectiva de enfrentamento da ideia de unidade narrativa da vida e, na esteira desta, do modo neurótico de viver e narrar a história.

Em “*Reprodução social federiciana e o conceito marxista de “acumulação primitiva do capital”*”: uma expansão a partir da crítica feminista, Anna Laura Maneschy Fadel procura discutir se a proposta de Silvia Federici, sobre o conceito de “acúmulo primitivo de capital” e a separação entre produção versus reprodução, formulada no seu livro: “O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, pode ser considerada uma reinterpretação do conceito, que havia sido formulado, por Karl Marx, no capítulo 24, intitulado de: “A assim chamada acumulação primitiva do capital”, no Livro 1, do “O capital”

No artigo “*Rawls nas mãos do acaso: o equilíbrio reflexivo precisa de boa sorte genealógica?*”, Thomas Henry Silva Staton argumenta que a boa sorte genealógica é necessária para quem tem preocupações predominantemente metafísicas e epistemológicas quanto à qualidade de suas crenças, o embasamento do equilíbrio reflexivo opera não nesses campos, mas no âmbito prático-moral. Dessa maneira, a boa sorte genealógica não constringe o equilíbrio reflexivo. E oferece uma sugestão de como o equilíbrio reflexivo poderia aliar-se com investigações genealógicas para ampliar seu potencial

No texto “*Eudaimonia, modo de vida e objetivo político da Ética nicomaqueia*”, Mariano Bay de Araújo retoma a discussão sobre a eudaimonia na Ética Nicomaqueia que tinha como objetivo tentar estabelecer se Aristóteles estaria sustentando que a eudaimonia é um

fim inclusivo - um fim composto por diversos fins - ou um fim dominante - um único fim que tem prioridade sobre os demais fins. O autor mostra que as dificuldades que originam essa discussão estão ligadas a uma leitura da EN que supõe que suas lições seriam direcionadas para vidas individuais

No artigo “*Imaginar apesar de tudo: a tarefa ética de trabalhar a partir das imagens*”, de Gabriela Teixeira Cunha, explora a relação entre imagem e ética a partir do livro *Imagens apesar de tudo* de Georges Didi-Huberman. Em particular, o livro fornece um quadro conceitual que põe em questão a crítica sobre a irrepresentabilidade do sofrimento, na medida em que tal crítica coloca em debate a possibilidade ou não de representação e responsabilização ética diante da dor dos outros. Neste sentido, a imagem é um dispositivo fundamental, que atua como forma de conhecermos, apesar de suas fissuras e incompletude, o evento da injustiça e do horror, podendo nos levar a perseguir uma postura ética comprometida com a não repetição e com o trabalho (práxis) político.

Marcos Fanton e Rafaela Missaggia Vaccari contribuem com a tradução do artigo “Feminist Jurisprudence”, publicado originalmente por Melissa Burchard na *Internet Encyclopedia of Philosophy*. E por fim, o número publica também “*Conhecimento tácito de Michael Polanyi*”, uma resenha de Álvaro Vitor dos Santos do livro de Michael Polanyi, *A Dimensão Tácita*.

Agradecemos todas as contribuições e estimulamos que continuem a interlocução com a revista.

Editoras e editores da PERI